



Izabela Teodozio dos Santos

**A construção de um Brasil mestiço: A ideia do indígena gentil  
em “O Guarani” de José de Alencar**

Monografia apresentada à Graduação de  
História da PUC-Rio como requisito parcial  
para obtenção dos títulos de Licenciatura e  
Bacharelado em História.

Orientadora:  
Profa. Dra. Maria Elisa Noronha de Sá

Leitor crítico:  
Prof. Dr. Eduardo Wright Cardoso

Rio de Janeiro  
Agosto de 2023

*À minha amada mãe Rita, ao meu querido pai Valcy e a  
minha avó Maria que sempre acreditaram em mim e  
me fizeram ser quem sou hoje.*

## **Agradecimentos:**

Minha jornada até aqui não foi fácil, repleta de altos e baixos, mas a educação mais uma vez venceu. A filha do porteiro e da empregada doméstica chegou ao ensino superior com bolsa integral em uma das maiores faculdades do país. O amor pela educação e a vontade de querer mudar o sistema, um pouco que seja, me fez chegar até aqui. Porém, percorrer essa jornada sozinha não seria possível e assim não poderia alcançar meu objetivo final. Por isso, meu primeiro agradecimento vai para minha amada mãe Rita Teodozio, ela que acreditou em mim todos os dias da minha vida. Sem a força de vontade dela, eu não estaria na faculdade e nem esta monografia seria concluída. Obrigada mainha, por enfrentar filas de madrugada para conseguir uma vaga na escola, pelas noites acordadas me ajudando a ajudar e por ser meu chão quando eu perdi o meu.

Agradeço ao meu querido pai Valcy Santos, que sempre insistiu que eu poderia ir mais longe do que eu poderia sonhar, obrigada por trabalhar dia e noite para pagar um curso pré vestibular e meus livros durante a faculdade. Serei sempre grata pelo incentivo, paciência e amor incondicional.

Agradeço ao meu companheiro de vida Vinicius Daniel Pinheiro Pereira, o amor que a História me deu. Obrigada por dividir comigo esse momento tão difícil, por ficar comigo acordado até às seis horas da manhã escrevendo esse trabalho. Nunca poderei descrever o quanto seu apoio e amor são essenciais na minha vida. Muito obrigada por sempre tirar um sorriso sincero meu, serei eternamente grata pelo seu cuidado e carinho!

Agradeço aos meus avôs que estão no céu: Manoel Teodozio. Raimundo Ferreira e Maria Itelvina pôr em vida terem sido tudo aquilo que eu precisava. Em especial ao Manoel que foi para mim meu pai e melhor amigo. Patriarca Teodozio, que sempre esteve disposto a ter a família perto e unida.

Agradeço à minha avó Maria Sousa, a minha maior fã. Obrigada por todo amor, carinho e admiração. Todas as palavras do mundo nunca poderão descrever meu amor por ela. Com sua religiosidade sempre me abençoou e formou quem sou hoje.

Agradeço, minhas tias e tios, madrinhas e padrinho que tanto me apoiaram nessa jornada acadêmica. Em especial ao meu tio Raimundo que durante a pandemia do COVID-19 nos deixou, guardo você para sempre em meu coração e está eternizado em minha alma.

Agradeço a minha prima e irmã Bruna Sousa, por ser sempre minha fonte de amor inesgotável. É minha referência de amor e cuidado desde quando nasci. Obrigada por dividir a vida comigo, por me mostrar desde pequenas coisas legais, músicas, livros, filmes e novelas. Eu te amo!

Agradeço a minha melhor amiga, Andrezza Alves de Farias, por ser minha incentivadora e companheira de jornada. Um dia tudo isso foi um sonho nosso, a faculdade era algo distante e inalcançável para duas meninas da escola pública do Rio de Janeiro. Entretanto, confiamos que nada é difícil demais para nós duas. As filhas do porteiro foram para faculdade.

Agradeço a todos os meus amigos da faculdade por todos os momentos bons compartilhados. Em especial Amanda de França que foi minha dupla até o fim da faculdade, Ana Clara Paiva que se tornou uma das minhas melhores amigas e me fez bem quando nada mais fazia, Ana Julia Moura que compartilhou a vida comigo todos esses cinco anos dentro e fora da faculdade, Giovana Rueda que esteve comigo desde o primeiro dia de aula e até o último, Gisele Tomaz que fez a vida ser mais divertida com ela e por agradeço a Kamilla Campos por todas as vilas e dividir as maiores alegrias e raivas da faculdade.

Agradeço ao Centro Acadêmico Ricardo Benzaquen, que me mostrou a importância do movimento estudantil. Fiz amizades e construí bons anos fazendo parte da gestão.

Agradeço à minha orientadora Maria Elisa Noronha de Sá por ter me aceito em seu PIBIC e me ensinado tanto. Obrigada por toda paciência, carinho e compreensão ao longo desses anos. Agradeço a professora Iamara Viana que me apresentou o amor em ensinar História. Obrigada por acreditar em mim sempre e ter me feito perceber o quanto posso ser boa em sala de aula. Ela foi fundamental em minha formação como ser humano e professora. Obrigada pelos anos de PIBID e Residência Pedagógica.

Agradeço ao querido Danilo dos Santos Correa, que me ajudou e apoiou em minha trajetória até a admissão na faculdade.

Por fim, agradeço a CAPES e ao Cnpq pelo apoio financeiro nos projetos em que fui bolsista. Primeiro no programa de Residência Pedagógica e no programa de Iniciação Científica. Com toda certeza ser bolsista em projetos tão únicos e importantes somaram abundantemente em minha formação

**Resumo:**

Por muito tempo foi construída uma ideia do que é o indígena brasileiro, do que ele foi ou do que deveria ser. Nos livros escolares, nos programas de tv e em clássicos literários os povos originários eram descritos como agentes do passado, o que é algo totalmente errôneo. Nesse sentido, esta monografia pretende colaborar na busca em compreender como através da literatura romancista do escritor cearense José de Alencar, se construiu um cenário onde o indígena ideal é miscigenado e dominado culturalmente pela sociedade branca do século XVI. Um autor muito importante para sua época e grande personalidade na historiografia e na literatura brasileira, assíduo leitor de romances, relatos de viagem, cartas coloniais, leitura essa que podemos ver em seus escritos, como em “O Guarani”, obra escolhida como fonte para este trabalho.

**Palavras chaves:**

Literatura ; José de Alencar; mestiçagem; Peri; Romantismo.

**Abstract:**

For a long time, an idea of what the Brazilian indigenous people are, what they were or what they should be, has been constructed. In school textbooks, TV programs and literary classics, native peoples were described as agents of the past, which is something totally wrong. In this sense, this monograph intends to collaborate in the search to understand how through the novelist literature of the Ceará writer José de Alencar, a scenario was built where the ideal indigenous person is mixed and culturally dominated by the white society of the 16th century. A very important author for his time and great personality in historiography and Brazilian literature, assiduous reader of novels, travel reports, colonial letters, reading which we can see in his writings, as in "O Guarani", work chosen as a source for this work.

**Keywords:**

Literature ; José de Alencar; mestiçagem; Peri; Romanticism.

## **SUMÁRIO:**

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO  | 9  |
| <b>CAPÍTULO 1: O CÂNONE DO ROMANTISMO BRASILEIRO: A FIGURA DE JOSÉ DE ALENCAR</b> | 13 |
| 1.1 O ROMANTISMO COMO MOVIMENTO NACIONAL  | 19 |
| 1.2 A LITERATURA COMO MARCA DA IDENTIDADE BRASILEIRA E COMO FONTE HISTÓRICA       | 20 |
| <b>CAPÍTULO 2: A QUESTÃO INDÍGENA E A MISCIGENAÇÃO</b>                            | 25 |
| 2.1 A FIGURA INDÍGENA ESCOLHIDA POR JOSÉ DE ALENCAR                               | 27 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | 37 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS</b>  | 40 |

*“Deixei meu cocar no quadro  
Retrato falado, escrevo  
daqui  
Num apagamento histórico  
Me perguntam como eu  
cheguei aqui  
A verdade é que eu sempre  
estive”  
(Território Ancestral - Kaê  
Guajajara)*



## Introdução

O presente trabalho tem como intuito estudar o conceito de mestiçagem e as questões acerca da concepção de ideia de Brasil construídos por José Martiniano de Alencar (1829- 1877) em sua obra “O Guarani”. O autor fez parte da primeira fase do romantismo brasileiro, um importante momento para compreendermos como através da literatura, Alencar e outros autores arquitetaram a identidade nacional brasileira através de sua originalidade e natureza exuberante. O livro que será usado como fonte principal desta monografia, assim como o autor, são leituras quase obrigatórias em sala de aula e muito estudadas. Entretanto, buscaremos através do estudo historiográfico analisar como José de Alencar usou a literatura para construir uma identidade nacional e usa do conceito de mestiçagem como ferramenta principal para criação dessa identidade. A questão da mestiçagem aparece desde o branqueamento de Peri, que se torna uma espécie de indígena branco e se conclui com a junção afetiva com Ceci, a mulher branca que precisa ser salva pelo herói indígena.

Alencar como um político e renomado escritor de sua época, usa do romantismo para trabalhar a nova identidade brasileira e a ideia de estado nação que surge no século XIX no Brasil, que deixa de ser uma colônia portuguesa e se torna livre politicamente. O indígena é escolhido como o modelo de brasilidade e seu tom heroico ganha força no indianismo de José de Alencar, entretanto, esse personagem não é criado como uma forma de exaltar o povo originário do Brasil, e sim de mostrar o seu lugar na sociedade daquela época, ou melhor, o seu não pertencimento à nova população brasileira.

Por sua grande importância na literatura e construção da história do Brasil, Alencar e sua obra foram escolhidas para serem o ponto principal dessa monografia. Pois através de seus livros o autor foi capaz de delinear estruturas na brasileira utilizando sua originalidade e seu cenário exuberante.

A literatura e seu papel histórico no século XIX são o ponto de partida para esta monografia. Através da literatura podemos identificar diferentes comportamento humanos, como escreviam, o que gostavam de ler, o que era permitido ler, quem poderia ler, como a ficção pode chegar perto ou não da verdade, como o escritor se utilizava do momento histórico para escrever sua obra, e a partir dessas questões e comportamentos, a história pode entender aquele recorte temporal.

Historiadores e escritores têm suas semelhanças em relação ao que produzem, podemos entender que a literatura e a história têm suas narrativas de certa forma cruzadas,

as duas têm o poder de responder às demandas dos homens sobre o mundo em todos os momentos. As duas narrativas estão ligadas à configuração de um tempo, a história narra o que se passou e na literatura nem sempre o que se passa é presente ou passado, mas o momento que se construiu a narrativa é algo importante. Entretanto, existe um claro distanciamento entre o compromisso da veracidade das narrativas, a história é uma ciência enquanto a literatura é uma ficção mesmo que use de alguma forma fontes históricas para escrever suas crônicas.<sup>1</sup>

No final do século XVIII as ciências e a literatura ganham uma expressiva separação, assim a literatura ganha uma nova semântica. A ciência não era vista como uma profissão, um cientista era visto apenas como um homem com um dom.<sup>2</sup> As fronteiras entre ciência e literatura eram pouco delimitadas, enquanto teóricos e escritores tinham as mesmas funções. Com metodologias e intuítos diferentes, a ciência busca uma explicação das coisas no mundo de forma comprovada e analisada por dados concretos, ao mesmo tempo que a literatura é uma expressão artística e rica de liberdade, que busca por meio da escrita temáticas e emoções humanas. Portanto, o campo do saber não era algo bem separado e os literários não tinham apenas a função de escrever contos. No século XIX as ciências avançaram e, portanto, precisam de uma denominação mais precisa do que apenas estudiosos, houve deste modo uma tendência em separar os campos.

O sentimento de nação foi algo construído no Brasil durante muitos anos, anteriormente aqui existia apenas o sentimento de pertencimento à monarquia portuguesa e de súditos de uma colônia. Quando por fim o Brasil deixa de ser uma colônia, era então preciso buscar algo que unisse aquela população como nação.

O primeiro trabalho era estabelecer um patrimônio comum às diversas regiões de um país: quais seriam, por exemplo, os ancestrais comuns de fluminenses, pernambucanos, baianos, paulistas e gaúchos? Para criar, de fato, um mundo de nações não bastava fazer o inventário de sua herança; nem sempre ela existia, era preciso, pois, antes de tudo, inventá-la (THIESSE, 1999, p. 13). Era necessário buscar algo que pudesse ser “um vivo testemunho de um passado prestigioso e a representação eminente da coesão nacional” (THIESSE, 1999, p. 13). Essa é uma tarefa ampla, longa e coletiva.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

<sup>2</sup> LEPENIES, Wolf. **Três Culturas, As Vol. 13**. Edusp, 1996. Pg 11

<sup>3</sup> FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, n. 1, 2009. p. 116

A identidade nacional precisa de uma história, ancestralidade que mostre a originalidade naquela sociedade, uma cultura, uma língua, uma bandeira, um hino entre outras coisas que compõem a base de um estado nação. É preciso se afastar do português e encontrar uma essência verdadeiramente brasileira.

O novo mestiço brasileiro é a principal figura que vamos analisar neste trabalho, e assim pensar como através da nova literatura brasileira, os autores buscam criar um pensamento e um sentimento de unidade em uma sociedade. A literatura é uma interessante ferramenta que usamos na história para poder entender como intelectuais pensavam e determinavam como a sociedade letrada possivelmente deveria também pensar. Não era qualquer brasileiro que tinha acesso aos folhetins em que as histórias de Alencar foram publicadas periodicamente. Os consumidores desses romances eram homens e principalmente mulheres da elite brasileira que tiveram acesso à alfabetização, o leitor urbano que consome o que o escritor produz.

A história contada na obra escolhida como fonte principal deste trabalho, se desenvolve na primeira metade do século XVII, no ano de 1604. O livro “O Guarani”, assim como outros, conta com uma descrição da natureza com uma enorme variedade de detalhes, a natureza descrita por Alencar introduz seus personagens e traz seu leitor para dentro da sua história.

O personagem principal para a análise deste trabalho é o índio Peri. Um indígena que largou seu povo e foi viver para servir a casa do português D. Antônio, mas se torna o grande súdito da filha de seu chefe, a linda donzela Ceci, que é descrita pelo leitor como um bravo guerreiro que chega a pôr sua vida em risco para buscar ou defender sua senhora. Peri é fortemente descrito como um empregado da casa, que tem “comportamentos de pessoas brancas”, é catequizado e embranquecido, diferente de outros indígenas da trama que são intitulados de selvagens. O indígena bom no romance de Alencar é aquele que está mais perto dos hábitos brancos, nunca será verdadeiramente branco, mas se assemelha a um. O autor cria uma ideia de como esse indígena - o qual é o novo projeto de brasilidade – deve ser e como ele pode se encaixar na nova sociedade brasileira.

Portanto, pretendo analisar esse indígena criado por Alencar em sua obra, entender por que o povo originário só pode estar presente na nova sociedade brasileira se ele sofrer uma mestiçagem social. O índio que é a representação da identidade brasileira não é

aquele que foi encontrado aqui em 1500, o autor cria um personagem que deixa sua ancestralidade no passado, se adapta e se molda a partir de uma estrutura embranquecida.

## Capítulo 1: O cânone do Romantismo brasileiro: A figura de José de Alencar

José Martiniano de Alencar (1829-1877) foi um escritor cearense, o qual foi um dos maiores poetas literários do romantismo brasileiro. Nascido em maio de 1829 em um povoado perto de Fortaleza, Ceará, e morreu com quarenta e oito anos no Rio de Janeiro, vítima de uma doença que vinha lutando há anos. José de Alencar herda seu nome de seu pai, um deputado liberal da província do Ceará que posteriormente também se torna senador no Rio de Janeiro. Como filho de político, José de Alencar acompanhou de perto as inúmeras rebeliões e movimentos políticos que aconteceram ao longo do século, com isso o escritor toma gosto pela política, também se forma em direito onde pode estudar política, arte e sobretudo literatura. Se formou na academia de direito de São Paulo. Sua vida como escritor e como político não eram coisas separadas. No plano da ficção Alencar sempre buscou construir uma identidade nacional aos moldes que defendia em sua política.

O autor de Til (1872) sempre esteve motivado a realizar mudanças tanto no âmbito literário quanto no político, foi um dos responsáveis diretos por estruturar e fortalecer a literatura nacional e um dos primeiros políticos a findar com o tráfico negreiro em determinadas localidades do país.<sup>4</sup>

A política era algo ancestral em sua família, mesmo que Alencar seja atualmente conhecido pelas suas obras literárias, sua atuação na política brasileira foi muito importante e algumas vezes conturbadas. Com suas palavras podemos entender como a política se inseria na sua vida:

“O único homem novo e quase estranho que nasceu em mim com a virilidade, foi o político. Ou não tinha vocação para essa carreira, ou considerava o governo do estado coisa tão importante e grave, que não me animei nunca a ingerir-me nesses negócios. Entretanto eu saía de uma família para quem a política era uma religião e onde se haviam elaborado grandes acontecimentos de nossa história.”<sup>5</sup>

O autor viveu um momento na literatura brasileira onde os princípios do romantismo estavam sendo introduzidos no país pela geração de Gonçalves Magalhães (1811-1882). Inserido em um cenário político pós independência, Alencar tinha como escritor a possibilidade de escrever sobre uma época anterior a sua, para assim formar uma ideia de nação futura. Uma nação que deve se descolar de seu passado colonial e projetar-se

<sup>4</sup> MAGALHÃES, Nathan Matos. José de Alencar e a escravidão: suas peças teatrais e o pensamento sobre o processo abolicionista. 2015.

<sup>5</sup>ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. 1893.

através do maior símbolo brasileiro, o indígena, mas não o indígena que os europeus encontraram aqui, mas sim aquele que se rende à cultura europeia e se torna um gentil. Dono de grandes obras e que fez parte da construção de uma literatura brasileira, pode destacar em suas obras um importante trabalho historiográfico, pois suas histórias vão para além da ficção.

Grande defensor de uma literatura nacional, o intelectual utilizou da valorização da natureza do país e usou o indígena brasileiro para serem pontos-chaves do seu modo de fazer literatura e se manteve preocupado com o cenário cultural até o fim de sua vida. Em seu texto “Benção paterna” que foi escrito como prólogo de seu livro “Sonhos d’Ouro”, Alencar critica como o cenário da literatura nacional não o agradava, ressalta logo na primeira página como o ofício de escritor não é visto como profissão até mesmo para os membros da classe, os quais ainda não fazem da literatura o seu único interesse. “Quando as letras forem entre nós uma profissão, talentos que hoje apenas aí buscam passatempo ao espírito, convergiram para tão nobre esfera suas poderosas faculdades”<sup>6</sup>. Ainda neste texto, o autor divide a literatura em três fases: a aborígine que para o autor “trata de lendas e mitos da terra selvagem” e inclui sua obra “Iracema” nesta fase. A segunda seria o período histórico que para ele representa a troca entre os europeus e os povos originários na terra americana “É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor.”<sup>7</sup>, suas obras que fazem parte dessa fase são “O Guarani” e “As Minas de Prata”. Por último a terceira fase é denominada de infância de nossa literatura, tendo seu início pós independência e até o momento em que escreveu o texto não tinha sido finalizada pois ainda espera por escritores que possam finalizá-la e seus textos desta última fase são “Tronco do Ipê”, “Til” e “Gaúcho”.

No ano de 1851, já formado em direito e com forte atuação na imprensa, publicou no jornal carioca “Correio Mercantil” um estudo crítico sobre poesias de Augusto Emílio Zaluar. Esse texto o ajudou a abrir caminhos em sua carreira, assim conquistando um cargo na redação do jornal no ano de 1853. Entre os anos de 1854 e 1855 publicou no mesmo jornal, uma série de crônicas denominada de “Ao correr da pena” tendo como tema o cotidiano da Corte, entretanto pouco depois se retira de seu cargo e no mesmo ano funda junto de alguns companheiros o “Diário do Rio de Janeiro”. Neste mesmo periódico

<sup>6</sup> ALENCAR, José de. “Benção Paterna”. In *Obra Completa* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, v.I.

<sup>7</sup> Idem

publicou duas bibliografias, uma sobre Eusébio de Queirós (1856) e outra sobre Marquês de Paraná (1856); foram também lançados seus livros “Cinco minutos” (1856), primeiro livro publicado do autor, e mais dois romances “A viuvinha” (1857) e “O guarani” (1857). Portanto, o escritor cearense se dedicou por muitos anos ao jornalismo, deixando um pouco de lado sua formação como advogado.<sup>8</sup>

Por ser um homem letrado e um forte entusiasta da literatura, José de Alencar estudou e se preparou muito bem para seu ofício de literato. Antes de se tornar um grande escritor, foi preciso estudar muitos outros autores antigos ou de sua época. Sua carreira foi marcada por problemas com críticas, seja fazendo ou recebendo. Antes de lançar sua primeira obra, em 1856 publicou uma série de cartas usando um pseudônimo Ig nas quais o escritor fez intensas críticas ao notável texto “A confederação dos tamoios” de Gonçalves de Magalhães. Alencar tinha o cargo de redator do “Diário do Rio de Janeiro” quando se lançou neste conflito.

As críticas de Alencar ao texto de Magalhães ganharam uma grande proporção pois envolveu outros autores e Dom Pedro II. As duras críticas foram divididas em oito cartas. Através de sua opinião sobre o poema, o escritor trouxe uma nova proposta do Romantismo e elabora um novo rumo para a nacionalidade brasileira. Mesmo dizendo na primeira carta que o conteúdo dela não eram críticas e sim impressões, Alencar faz uma análise detalhada do poema desde o seu conteúdo até o seu formato. É apontado que Magalhães não conseguiu retratar tão bem as belezas do país, como podemos observar no trecho feito por Alencar:

Brasil, minha pátria, porque com tantas riquezas que possues em teu seio, não dás ao gênio do um dos teus filhos todo o reflexo de tua luz e de tua belleza ? Porque não lhe dás as cores de tua palheta, a fôrma graciosa de tuas flores, a harmonia das auras da tarde? Porque não arrancas das azas de um dos teus pássaros mais garridos a penna do poeta que deve cantar-te?<sup>9</sup>

Além de não conseguir dar conta de descrever a imensidade da natureza e pluralidade do Brasil, José de Alencar também aponta que Magalhães não conseguiu alcançar em sua poesia a beleza e não exaltar os indígenas como é pretendido pelo Romantismo. Magalhães também não teria usado o esboço histórico do povo originário:

A pintura da vida dos índios não tem, na minha opinião, a menor belleza; uma página de um viajante qualquer a respeito da vida

<sup>8</sup> LEAL, Tito Barros. “Por um projeto para o Brasil: José de Alencar e a polêmica em torno das cartas sobre “A confederação dos Tamoios. Embornal, v.3, n.5, p.56-75, 2012.

<sup>9</sup> ALENCAR, José de. Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos. 1856.

nômade dos Árabes do deserto é mais cheia dessa poesia da liberdade selvagem do que a parte do poema a que me refiro.<sup>10</sup>

Podemos interpretar que através de suas cartas que descreviam suas observações sobre o famoso poema de Gonçalves de Magalhães, o escritor romântico estava talvez se promovendo, pois logo em seguida lança seu primeiro livro indigenista “O Guarani”, e também lança uma proposta de forma de escrita romântica para o Brasil que configuraria o projeto nacionalista alencariano.

Com suas obras o escritor conseguia descrever detalhadamente o momento histórico em que suas histórias se passavam, mesmo sendo uma época longínqua à sua. O cenário colonial é o pano de fundo de seus romances. Seus personagens atuam em um palco perfeitamente desenhado por Alencar e cada personagem se adequa perfeitamente aos moldes que eram verdadeiros para a época. Alencar era um grande estudioso, e ao estudarmos suas obras e escritos fica claro como o autor tinha uma vasta noção teórica. O escritor Machado de Assis o descreve como:

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas. (...) O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos tirados da vida ambiente e da história local.<sup>11</sup>

Ao estudarmos o romance de Alencar como uma fonte histórica podemos entender como o autor tem uma base teórica sobre o passado colonial. Por exemplo, uma descrição exuberante da natureza que serve como cenário de seus romances, se assemelha com as descrições que eram feitas nas cartas de expansões marítimas e relatos de viagem. Com seu olhar analítico do dia a dia e seu conhecimento, as obras escritas pelo intelectual servem como uma fonte histórica Alencar pode ser considerado um historiador à sua maneira por utilizar uma abordagem teórica em sua escrita, mesmo que suas obras sejam ficção. Por meio de seus romances e peças teatrais, Alencar pode com seus personagens examinar questões sociais e políticas de seu tempo. Além do mais, diferentes cenários brasileiros, costumes e tradições foram inseridos nos romances.<sup>12</sup> O autor tem o Brasil

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> ASSIS, Machado. A estátua de José de Alencar – Discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar. (10 de maio de 1897). In: ASSIS, Machado. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. Vol. 2, p. 625.

<sup>12</sup> PELOGGIO, Marcelo. José de Alencar: um historiador à sua maneira. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 6, p. 81-95, 2004.



como seu principal tema, um homem atento às reformas políticas e traz em sua escrita seu lado político.

A obra ficcional alencarina põe à luz nossa historicidade em linguagem poética vasta e profunda. Essa linguagem, que acolherá o sentido fundamental de um e outro signo, deve então ser entrevista como “origem” de toda enunciação. Assim, a cada escolha de tema e tipos de personagem, na descrição da natureza e dos costumes, a história nacional, sob novo entendimento e ao infinito, torna-se.<sup>13</sup>

Peloggio salienta que se tratando de inteligência brasileira, no século XIX, o autor de “O Guarani” deveria ser referência, para o autor isso se dá não só por ter escolhido o Brasil como tema de suas obras, mas também por Alencar ter sido um homem atento às transformações que ocorreram pelo mundo principalmente seu país.<sup>14</sup>

A mente rica de Alencar faz com que o autor registre as cores e formas do país e sua sociedade, o sentimento que os cheiros e sabores dessa terra proporcionam; os barulhos produzidos pela selva são descritos de maneira tão detalhada que nossa imaginação consegue criar os diferentes cenários em nossa mente; o cotidiano, as falas e as características da sociedade compõem a atmosferas dos contos.

Sendo o primeiro livro indianista do autor, *O Guarani* (1857) foi escrito por Alencar aos vinte e sete anos, entretanto o autor aponta em seu texto “Como e porque sou romancista” que utilizou sua imaginação de quando ainda tinha apenas nove anos e fez uma viagem do Ceará a Bahia: “(...) como a inspiração d’O Guarani, pôr mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do norte, em jornada do Ceará à Bahia”<sup>15</sup>. Uma obra que está diretamente ligada e comprometida com o projeto de nacionalidade. Alencar conta neste romance a história de Peri, um indígena chefe do povo Goitacá e que larga tudo para ser um ser “civilizado” e vassalo - muitas vezes descrito como escravo por Alencar - de Ceci e seu pai D. Antônio de Mariz, um fidalgo português, um dos fundadores do Rio de Janeiro. Alencar o descreve como um homem que guarda fidelidade até a morte ao seu rei e que tem apreço a combater os índios.

A trajetória de Ceci e Peri se passa ainda em um tempo em que “a civilização não tivera tempo de penetrar o interior”<sup>16</sup>. A escolha temporal de Alencar não é à toa, ele tenta

<sup>13</sup> idem pg. 92

<sup>14</sup> PELOGGIO, Marcelo. O conceito de mudança em José de Alencar. **Revista Garrafa**, v. 5, n. 15.

<sup>15</sup> ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. 1893.

<sup>16</sup> ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: Ed. Egéria, 1981.

criar um cenário onde a população brasileira começa a ser criada. O texto “O guarani: um mito de fundação da brasilidade” de Renato Ortiz ajuda a entender o período em que se passa a história do romancista. Através da sua descrição rica do cenário e de uma natureza quase virgem, Alencar tenta demonstrar “um estado de pureza inicial, elimina-se desta forma o que vem depois, inclusive o difícil julgamento moral de uma instituição como a escravidão.” Alencar elimina o negro de seus romances. A autora Lília Schwarcz descreve essa escolha de excluir o negro nesse projeto de símbolo nacional:

Mais uma vez distantes do Brasil do século XIX, tão marcado pela escravidão negra, heróis brancos e indígenas convivem em um ambiente inóspito. Se existem alguns indígenas bárbaros, eles se resumem a poucos grupos isolados. Como os europeus, os silvícolas são acima de tudo nobres. Nobres se não nos títulos, ao menos em seus gestos e ações.<sup>17</sup>

Muito se discute sobre o posicionamento que José de Alencar tinha em relação ao abolicionismo. Por conta do seu conteúdo nas cartas que escreveu para Dom Pedro II muitos afirmam que Alencar era contra o fim da escravidão, entretanto esta é uma afirmação um tanto equivocada, pois em sua atuação política conseguiu pôr fim no tráfico negreiro no Vale do Valongo. Raymond Sayers, em sua obra *O Negro na Literatura do Brasil* (1958), afirma que a atuação de Alencar na sociedade brasileira ia muito além da literatura e teatro, e que apesar das controvérsias acerca de sua posição política sobre a abolição, o literato era a favor do processo gradual da emancipação.<sup>18</sup>

Apesar de ter feito parte do Partido Conservador, ainda na atualidade se entende que Alencar compartilhava não de todos os pensamentos do partido. Em seus discursos tinha ideias contraditórias quando muitas vezes inferiorizava os negros, entretanto defendia a liberdade gradual e apontava que o abolicionismo deveria ser uma causa a ser pensada por toda população brasileira. Segundo Nathan Magalhães:

Para Alencar, a escravidão era algo que deveria ser pensado não somente pela classe política do país, mas por todo e qualquer cidadão. Entendia que o progresso só poderia ser atingido se a sociedade da época, antes de libertar os escravos, aceitasse os negros como iguais. Dessa forma, quando discursando sobre o elemento servil, e crendo que a população não estava preparada para a libertação dos cativos, afirmava que os abolicionistas queriam apenas a extinção dos negros: “Vós quereis a emancipação por uma simples vaidade; para vós a liberdade não é senão o combustível que acenderá a luz de vossa glória, de

<sup>17</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. Companhia das Letras, 1998.

<sup>18</sup> SAYERS, Raymond. *O negro na literatura do Brasil*. Edições o Cruzeiro, 1958, p. 275-76

reformadores e propagandistas. Vós sois [...] os heróis do extermínio.”<sup>19</sup>

O autor de “Iracema” (1865), compartilhava de muito pensamentos conservadores e preconceituosos que faziam parte da contemporaneidade, sobre a escravidão seu posicionamento era a favor, pois afirmava que a sociedade ainda não estava pronta para a abolição e que isso deveria ser algo feito gradualmente para que assim não houve um choque cultural e econômico.

### **1.1 O Romantismo como movimento nacional**

Para Nunes (1978) dentro do conceito de romantismo existem duas categorias: psicológica e histórica, uma invoca um modo da sensibilidade e o outro o período artístico e literário, respectivamente. O lado da sensibilidade do movimento romântico está ligado ao sentimento que é entregue na produção romântica, a sentimentalidade impressa no plano literário e artístico é algo primordial dos artistas desta fase. O modo de sentir romântico separa e une estados opostos, “do entusiasmo à melancolia, da nostalgia ao fervor, da exaltação confiante ao desespero”<sup>20</sup>. Já a categoria histórica se refere ao momento histórico que o romantismo ganha força, quando se pode verificar a quebra dos gostos clássicos prolongados por moldes neoclássicistas iluministas, e também quando o romantismo europeu se estendeu para além das dimensões literárias e das artes. “O Romantismo foi, na verdade, uma confluência de vertentes até certo ponto autônomas, vinculadas a diferentes tradições nacionais.”<sup>21</sup>

O movimento romântico, tanto na literatura como nas artes, surge no século XVIII e se prolonga até o século XIX na Europa. Foram séculos marcados por um sentimento de mudança no meio cultural europeu, reformas estruturais em ação e o surgimento do capitalismo resultaram numa quebra com os laços dos princípios do Classicismo e do Iluminismo, os quais eram dominantes na produção cultural, artística e filosófica do continente. Essa ruptura com os paradigmas clássicos faz com que o romantismo ganhe uma forte proporção na história da literatura europeia e um progresso das artes, esse rompimento se aprofundou nos primeiros anos do século XIX. O ponto de vista romântico

<sup>19</sup> MAGALHÃES, Nathan Matos. José de Alencar e a escravidão: suas peças teatrais e o pensamento sobre o processo abolicionista. 2015. Pg. 13

<sup>20</sup> NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.) O Romantismo. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

<sup>21</sup> Idem

é moldado por uma concepção de mundo que está em transição, a qual está interligada pelo envolvimento industrial e pelo movimento contra os princípios iluministas.

Assim, os criadores e intelectuais românticos buscam manifestar suas emoções e individualismo em suas obras, uma clara contraposição ao racionalismo do período do Iluminismo. O sentimento, a emoção e a espontaneidade são valorizadas nesse novo modo de pensar o mundo, no qual a razão e o domínio do pensamento são coisas que perdem espaço. Marcos importantes como Revolução Industrial e Guerras Napoleônicas, acabaram desenvolvendo mudanças culturais e políticas no pensamento europeu, assim se tornando um campo frutífero para autores desenvolverem seus sentimentos melancólicos e de revolta contra as estruturas de controle. Os artistas românticos buscam retratar o amor de forma intensa e apaixonada.

A natureza é algo representativo no romantismo, principalmente no Brasil, para os poetas românticos a natureza era uma grande fonte de inspiração e demonstração do sagrado. Tudo que existe de belo na natureza é algo utilizado para inspirar, e o encontro entre a natureza e o homem é sentido como um encontro com uma divindade. Essa paixão pelo natural foi fortemente impulsionada pelas expedições e descobertas de outros locais.

“Para o poeta romântico, as formas naturais com que ele dialoga, e que falam à sua alma, falam-lhe de alguma outra coisa: falam-lhe do elemento espiritual que se traduz nas coisas, ao mesmo tempo signos visíveis e obras sensíveis, atestando, de maneira eloquente, a existência onipresente do invisível e do suprassensível.”<sup>22</sup>.

Assim, podemos analisar que o movimento romântico ocidental surge com razões parecidas com as daqui no Brasil. É característico do movimento conter um espírito nacional, fazer o exercício de buscar exaltar as virtudes nacionais.

## **1.2 A literatura como marca da identidade brasileira e como fonte histórica**

O estudo do movimento romancista e da literatura brasileira para o historiador é algo enriquecedor, pois podemos entender interpretações acerca daquele momento histórico e como a literatura mostra como uma parcela da sociedade pensava naquele momento. Tratando-se especificamente do romantismo podemos observar uma configuração que tinha como intuito a fundação de um Brasil moderno e liberto das raízes portuguesas. A literatura no Brasil deixa de ser aqueles escritos portugueses que contavam sobre a descoberta de uma terra exótica com moradores selvagens para se tornar símbolo nacional

<sup>22</sup> Idem

e que a partir dela sairia a nova identidade cultural do país. Para historiadora Márcia Regina Capelari Naxara, a história e a literatura se utilizam simultaneamente:

Se considerarmos literatura e história como tendo produzido interpretações fundadoras e fundantes sobre o Brasil, verificamos que a história bebeu nos recursos da narrativa literária, aproximando-se ora do rigor de verdade científica, ora do ensaio, com bases fortemente científicas; e que a literatura alimentou-se da história para a composição do romance, em especial o histórico, assim como a poesia, principalmente quando de caráter épico. Os dois campos tendo como foco de preocupação a compreensão dos homens na sua relação com a natureza e entre si, suas formas de expressão culturais, suas instituições, organização e visões de mundo, com acento maior ou menor no recorte nacional.<sup>23</sup>

O movimento romântico brasileiro é uma grande fonte para que possamos entender um Brasil que busca sua identidade como nação.

Conforme Daniel Pinha Silva destaca em seu texto “História e literatura no Brasil oitocentista: a historicidade do literário na crítica de José de Alencar a Gonçalves de Magalhães”, podemos entender que o romantismo vem como uma novidade que deixaria o nosso país em desenvolvimento parecido com o do ocidente e traria uma forma de diferenciar a verdadeira literatura brasileira da literatura herdada do colonizador.

Em uma época marcada pela valorização do particular, forjado em nacional, como elemento diferenciador das literaturas, o caso brasileiro tem como traço específico as intensas relações entre a independência política e a literária, levando em conta a declaração de independência política em 1822. Na apreciação de Antônio Candido, a autonomia política foi importante para a elaboração das ideias românticas por três motivos: com ela, ressaltou-se o desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos pautados em um orgulho patriótico, apresentado como continuidade da ideia de nativismo; como desdobramento, uma vontade de criar uma literatura independente, não apenas uma literatura, colocando o problema do nacionalismo literário e a busca de novos modelos; por criar a noção de que a atividade letrada deve servir a uma tarefa patriótica na construção do brasileiro, ainda em nascimento.<sup>24</sup>

O romantismo adentra o Brasil em meados do século XIX, junto com a construção de um estado-nação pós-independência da coroa portuguesa. Devido à efervescência na sociedade causada, a criação de escolas e faculdades, o aumento da imprensa, surge em meados de 1840 uma chamada Romantismo. É com uma coleção de poesias publicadas em Paris, com o título "Suspiros poéticos e saudades", no ano de 1836, que Domingos

<sup>23</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário: alguns apontamentos. **História: Questões & Debates**, v. 44, n. 1, 2006.

<sup>24</sup> SILVA, Daniel Pinha. "História e literatura no Brasil oitocentista: a historicidade do literário na crítica de José de Alencar a Gonçalves de Magalhães." *Revista Maracanan* 10.10 (2014): 78-92.

José Gonçalves de Magalhães inaugura o movimento romântico no Brasil. É um movimento que conta com escritos patrióticos, o sentimento de exaltação e devoção é algo nítido nos contos de Alencar, além de ressaltar a diferenciação com Portugal. Essa vontade de construir algo essencialmente brasileiro, três narrativas foram fundamentais para a construção: uma literatura, uma história e uma língua nacional.<sup>25</sup> Como o escritor José de Alencar destacou o lugar dos intelectuais da época:

Sobretudo compreendam os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, inovação que adota o uso, caprichos que surgem no espírito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimá-lo das fezes que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino.<sup>26</sup>

Os intelectuais procuram algo que seja o melhor representativo brasileiro, aquilo que demonstre algo desprendido da cultura portuguesa, tentam buscar de alguma forma em sua história o que é o Brasil. “A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito da sua história.”<sup>27</sup> O movimento inaugura uma perspectiva que questiona a tradição clássica imposta pelo colonizador. Essa ação questionadora do romantismo garante a diversidade do movimento e lança uma estrutura para a arte do século XX.<sup>28</sup>

Rosenfeld (1993), comenta, ainda, que a diversidade do Romantismo estabelece uma nova perspectiva enunciativa que, em alguns momentos, questiona a tradição clássica, mas, em outros, produz uma síntese rumo a novos arranjos estéticos pautados pelo crivo individual. Este olhar sobre o subjetivo conduz, ainda, na aresta das colocações do crítico (1993), à exposição de uma nova visão de mundo, na qual o disforme e o particular fragmentam os elementos do sublime clássico, conduzindo a um novo conjunto de valores estéticos.<sup>29</sup>

A escolha pela representação indígena na literatura romântica brasileira representa uma busca por uma diversidade. O “exótico” povo originário do Brasil, ligado a uma descrição incessante da natureza, algo similar ao que vemos por exemplo nas cartas de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil. Em suas cartas Caminha usou uma técnica já usada há muito tempo na Europa, a literatura de viagem, uma escrita que

<sup>25</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. O gigante e o espelho. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Org.). O Brasil Imperial: volume II– 1870 – 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>26</sup> ALENCAR, José de. “Benção Paterna”. In *Obra Completa* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.

<sup>27</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994. Pg 11

<sup>28</sup> PEREIRA, Danglei de Castro. Representação literária do indígena no romantismo brasileiro: o caso Simá, de Lourenço Amazonas. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 22, p. 133-147, 2020.

<sup>29</sup> Idem

transparece a necessidade de descrever um retrato daquele local pitoresco, o cristianismo é algo muito presente em suas falas e um olhar detalhado que busca apresentar a nova descoberta. Caminha precisava por meio de suas cartas apresentar ao seu leitor o descobrimento de uma nova terra, era preciso ter uma descrição meticulosa sobre o que encontraram, como os indígenas.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.<sup>30</sup>

A carta de Pero Vaz de Caminha é onde a história do Brasil começa a ser escrita, mas não vivida. Essa fonte, muito usada por intelectuais brasileiros do romantismo, serviu para entender o “descobrimento” do país e a população que aqui vivia. Caminha escreveu o documento de nascimento do Brasil que seria usado como fonte de inspiração para o que seria o projeto de nação brasileira.

O país que figura nas narrativas de viagem, começando pela Carta de Caminha, é marcado pelo exotismo como afirmação do estranhamento que o encontro do Velho e do Novo Mundo provoca. Estranhamento que poderia se revelar pela surpresa que a natureza tropical suscitava nos adventícios ou pelos habitantes dessas terras. Todas, é certo, são imagens de enorme poder de impregnação e de falseamento das matrizes da cosmovisão europeia.<sup>31</sup>

O próprio Alencar usa o cronista Gabriel Soares de Sousa para descrever com riqueza a estatura física de Peri, o autor confia na descrição de Sousa pois o mesmo escreveu sobre os índios de seu tempo em 1580:

“O tipo que escrevemos é inteiramente copiado das observações que se encontram em todos os cronistas. Em um ponto porém variam os escritores; uns dão aos nossos selvagens uma estatura abaixo da regular; outros uma estatura alta. Neste ponto preferi guiar-me por Gabriel Soares que escreveu em 1580, e que nesse tempo devia conhecer a raça indígena em todo o seu vigor, e não degenerada como se tornou depois.”<sup>32</sup>

Diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros neste século buscaram identificar o que era a literatura no Brasil e criticar obras já existentes, um desses autores são Domingos José Gonçalves de Magalhães, um grande nome da literatura e denominado pelos escritores da década como o fundador da literatura brasileira com seu poema “A Confederação dos Tamoios”, que em 1836 publica em Paris na “Revista Brasiliense” o

<sup>30</sup>TUFANO, Douglas; COUTO, MOZART. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Moderna, 1999.

<sup>31</sup> SILVEIRA, Éder. Tupi or not tupi: nação e nacionalidade em José de Alencar e Oswald de Andrade. 2007. Pg. 36

<sup>32</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981. Pg. 319

texto “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”. José de Alencar e Machado de Assis também foram dois grandes escritores da literatura que somaram na crítica literária brasileira. Conforme Elizabeth Fiori:

Alencar, em 1856, na polêmica sobre A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, acusa o falso romantismo e nacionalismo deste poema, que em nada se adequava às condições para uma literatura brasileira, desde o gênero até as descrições da natureza e o tratamento do índio, a que faltava sentimento e cores. A crítica de Alencar à Confederação dos Tamoios, segundo Afrânio Coutinho (1968,p.97), revela, sobretudo consciência de em que deveria consistir uma teoria brasileira de literatura, pois, indo além da crítica à incorporação de elementos brasileiros, o autor discutia a forma e o gênero mais propícios a esse fim. Além disso, o debate permitiu reflexões críticas sobre o indianismo e sua relação como o pensamento nacionalista.<sup>33</sup>

O romantismo no Brasil foi algo muito além do que apenas um movimento literário, foi também um movimento político. A literatura se tornando o principal veículo da construção de uma coisa legitimamente brasileira e que unisse o que existe de melhor no colonizador e nos povos originários coloniais. Entretanto, o modo como escolheram retratar os indígenas não condizem com a realidade e nem se importam verdadeiramente com os indígenas do século XIX, um povo de deveria permanecer no passado e aqueles que ainda existissem deveriam ser como Peri, doutrinado e catequizado para enfim poder fazer parte da nova nação brasileira.

<sup>33</sup> FIORI, Elizabeth. O romantismo e a historiografia literária brasileira. Revista Moara, n.25, p. 147-163.



## Capítulo 2: A questão indígena e a miscigenação

“A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodarse, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”  
(Paulo Freire, Cartas à Cristina, 1994)

O historiador Ronaldo Vainfas em seu artigo “Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira”<sup>34</sup> faz uma breve apresentação de alguns autores que citam ou trabalharam a questão da miscigenação no Brasil. A partir do ano de 1840 com a inauguração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro são criados os primeiros esboços e programas para escrever cientificamente a história do Brasil. A autora Os questionamentos em torno da hibridização na história do país foi algo inserido desde a primeira fase da historiografia nacional, Vainfas aponta que a questão aparece pela primeira vez com a denominação de “miscigenação racial” formulada pelo alemão *von* Martius e a proposta foi ganhadora no concurso em 1840, promovido pelo IHGB.

O escritor e naturalista alemão Martius interpretava a questão do “hibridismo social” da mesma forma que entendia o cruzamento de plantas, entretanto se aventurou em escrever algo sobre a mistura de culturas.

É verdade que o naturalista alemão priorizou a contribuição portuguesa na formação da nacionalidade brasileira e praticamente silenciou sobre o papel da “raça” negra, para usar o seu vocabulário, reservando ao índio – um tanto idealizado, vale dizer – papel secundário. Mas não resta dúvida de que, já com *von* Martius, a questão da miscigenação étnica e cultural estava posta. Seria mesmo caso de ressaltar a paradoxal abertura intelectual do IHGB ao premiar proposta que, malgré o conservadorismo do autor, apontava para questão desafiadora, admitindo, ao menos em tese, o papel do negro na formação do povo brasileiro – e isto num tempo em que os africanos e seus descendentes eram escravos, sem direito à cidadania no nascente império brasileiro.<sup>35</sup>

Entretanto, a proposta do naturalista foi inovadora demais ao ponto que ninguém a seguiu durante o século. Varnhagen produziu uma grande obra também no século XIX, com o título de “História geral do Brasil”, tendo cinco volumes patrocinados pelo império. Tendo em vista essa informação fica claro qual o caminho que Varnhagen tomou em sua produção. O cenário principal que o autor usa é a atuação portuguesa na

<sup>34</sup> VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. **Revista Tempo**, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999

<sup>35</sup> Idem

construção do país e valoriza o legado português, deixando em segundo plano a influência indígena e negra do país, sendo isso um reflexo de seu pensamento conservador.

Estudos sobre as experiências jesuíticas como forma de implementação de projetos de “civilização” aos indígenas são centrais em artigos publicados. Em artigo lido em agosto de 1840 e publicado em 1841, Francisco Adolfo de Varnhagen defende a necessidade do estudo das línguas indígenas como urgente, em virtude da necessidade da catequese e civilização dos índios. Para este, o conhecimento da língua, conforme já ensinaram os jesuítas, será de grande valia à conversão, para que o indígena ouça na sua própria língua as palavras de doçura que os devem atrair e domar.<sup>36</sup>

Já na segunda edição da revista do IHGB, o secretário Januário Barbosa escreve um artigo sobre como “colonizar os índios”, percebendo as discussões em volta do tema dentro do próprio Instituto elabora uma proposta de como introduzir o indígena na sociedade. O secretário defende que a catequização é o melhor movimento para tirar os povos indígenas da barbaridade e doutriná-los, sendo melhor do que as armas. O jornalista e também político defende a miscigenação entre brancos e indígenas através do casamento como forma de embranquecimento.

O historiador Vainfas enumera uma série de autores que tentaram escrever sobre a complexidade da miscigenação brasileira, mas, segundo ele, nenhum autor conseguiu escrever uma obra que atendesse a questão de forma satisfatória. A grande maioria dos textos escritos dessa época são produzidos com olhares preconceituosos e conservadores. A produção historiográfica e a história do conceito de mestiçagem no Brasil é um campo muito disputado e complexo, o racismo e a falsa ideia de democracia racial é algo nítido em muitas produções de escritores e historiadores do século XIX e XX.

Esses textos que ponderam a questão indígena, publicados logo nos primeiros exemplares, evidenciam “algumas características” que os homogeneiza: a necessidade de integração dos grupos indígenas à sociedade branca - integração necessária em um momento em que se reflete sobre a questão da identidade nacional, e que deverá se realizar através da educação e catequização “oferecida” a estes; e, ainda, o controle do estado para a consecução dos objetivos propostos, como forma de se evitar futuros problemas entre os catequizadores e o estado, como outrora.<sup>37</sup>

Apesar das tentativas de inclusão na sociedade e de estudos sobre os povos indígenas, tendo como base o texto de Vainfas, podemos entender como intelectuais por

<sup>36</sup> BAULER, Almir; KEIM, Ernesto Jacob. O discurso etnográfico na Revista do IHGB: 1840-1860. **Espaço Ameríndio**, v. 5, n. 3, p. 66-84, 2011. Pg. 71

<sup>37</sup> BAULER, Almir; KEIM, Ernesto Jacob. O discurso etnográfico na Revista do IHGB: 1840-1860. **Espaço Ameríndio**, v. 5, n. 3, p. 66-84, 2011. Pg. 74

um longo tempo usaram um discurso elitista e excludente, assim produzindo uma história branca e com exaltação do colonizador. A produção estrangeira também foi estudada por estudiosos brasileiros, o famoso diplomata Arthur de Gobineau, um dos maiores defensores eugenistas e sua teoria que a miscigenação é a causa da degeneração e queda de grandes sociedades foi lido e esteve no Brasil.

Em resumo, e numa visão de conjunto, nossa historiografia avançou muito em relação ao que propunha Martius nos anos de 1840, o que não é de surpreender. Nas últimas décadas, pôs em cena a problemática dos hibridismos culturais, refinando o conceito de miscigenação, introduzindo os estudos sobre intermediários culturais ou fenômenos de mestiçagem cultural perfeitamente afinados com o que se tem produzido na historiografia internacional especializada. Avançou também na dimensão étnica dos encontros e conflitos da colonização, (re)valorizando criticamente o trabalho de antigos e modernos etnólogos, desvendando recriações de culturas na diáspora, o que resulta em grande parte da aproximação com a antropologia e com a historiografia norte-americana.<sup>38</sup>

## 2.1 A figura indígena escolhida por José de Alencar

O século XIX é um século complexo para o Brasil, teve três formas de política, começando ainda sendo colônia e terminando sendo República Velha. “Inicia-se em pleno tráfico negreiro e termina com o início das grandes vagas de imigrantes livres. E, como se sabe, um período de tensões entre oligarquias.”<sup>39</sup> A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha aponta que o problema deixa de ser a mão de obra indígena e passa a ser a luta pelas terras. Cunha separa o povo originário do século em dois grupos: “bravos” e os “domésticos”. Os bravos eram aqueles que criavam problemas quando sua terra era ameaçada pelo interesse dos brancos e os domésticos eram aqueles aldeados e “sedentários”. Ao decorrer do século a autora descreve que tiveram os adeptos da paz, como José Bonifácio e os que defendiam a violência como Varnhagen. O indígena vivo do século XIX vai perdendo seu espaço físico enquanto a imagem do indígena do tempo colonial ganha notoriedade. “Os grupos indígenas, sem representação real em nível algum, só se manifestam por hostilidades, rebeliões e eventuais petições ao imperador ou processos na Justiça.”<sup>40</sup>

<sup>38</sup> VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999.

<sup>39</sup> CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. Política indigenista no século XIX. História dos índios no Brasil, 1998. Pg. 133

<sup>40</sup> CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. Política indigenista no século XIX. História dos índios no Brasil, 1998. Pg. 133

Para que possamos compreender o porquê de como Alencar descreve o indígena e como constrói uma narrativa mestiça em torno do grande personagem de sua literatura é preciso entender um pouco do momento histórico em que o livro foi escrito e o pensamento do autor sobre o papel do indígena no Brasil naquele século. Em relação a política o autor pouco se envolveu sobre as leis que envolvessem o povo originário de seu tempo, na verdade se envolvia em questões relacionadas à abolição da escravidão negra do país. O autor usa o termo “quase extinta raça” em sua polêmica com Joaquim Nabuco que nos direciona para como o autor pensava a respeito dos indígenas contemporâneos e força as interpretações acerca do papel que o indígena deveria ocupar naquela época, o qual é desenvolvido em suas obras indigenistas. Pouco interessa para Alencar a situação indígena de seu tempo, até porque para o mesmo é uma raça quase extinguida, assim é apenas importante a figura selvagem e heroica dos primeiros anos da colonização.

Tendo escolhido qual indígena deveria ser o personagem principal de sua obra, Alencar cria o heroico e determinado Peri. Um selvagem que larga tudo para servir e viver de acordo com o colonizador. O personagem apesar de ser descrito como um herói é completamente submisso a sua senhora branca (Iara), loira de olhos azuis e subordinado fiel do grande português D. Antônio Mariz. Bosi descreve como a paixão de Peri por sua senhora é tão avassaladora que não teme nem sua morte: “O risco de sofrimento e morte é aceito pelo selvagem sem qualquer hesitação, como sua atitude devota para o branco representasse o cumprimento de um destino, que Alencar apresenta em termos heróicos ou idílicos.”<sup>41</sup>

Guarani: - O título que damos a este romance significa o indígena brasileiro. Na ocasião da descoberta, o Brasil era povoado por nações pertencentes a uma grande raça, que conquistara o país havia muito tempo, e expulsara os dominadores. Os cronistas ordinariamente designavam esta raça pelo nome Tupi, mas esta denominação não era usada senão por algumas nações. Entendemos que a melhor designação que se lhe podia dar era a da língua geral que falavam e naturalmente lembrava o nome primitivo da grande nação<sup>42</sup>

O romance começa fazendo uma grande descrição do cenário no qual iria se desenvolver o livro. O autor dedica o primeiro capítulo, o qual foi intitulado de “Cenário”, para descrição intensa da casa que tem formas semelhantes a um castelo medieval, tendo uma grande preocupação em descrever o ambiente digno da grandeza nacional. Como já dito anteriormente, Alencar usa um vocabulário rico para atribuir beleza nas imagens que

<sup>41</sup> BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992. Pg 179

<sup>42</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981. Pg. 319

cria. Uma vegetação pouco modificada pelo homem rodeava a casa, o que explica ter povos originários por perto, já que dentro da casa não é citado se existe algum tipo de servente indígena, assim explicando porquê os primeiros contatos acontecem fora da residência.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem e apenas um simples comparsa.<sup>43</sup>

A primeira menção do livro em relação às nações indígenas que ali existiam é feita de maneira negativa e a descrição gloriosa até então feita ganha outro tom. Os indígenas são descritos como “Selvagens” e costumam “atacar brancos à traição”. Sendo assim podemos concluir que os indígenas que não sejam Peri, estarão sempre ligados a esse tipo de imagem e que não fazem parte daquele cenário, na verdade só aparecem ali para atacar, invadir e matar os brancos. O único indígena que adentrava a casa do fidalgo D. Antônio de maneira pacífica e que se diferencia dos demais é o heróico e o símbolo nacional, Peri. Sendo assim, o indígena tem como moradia uma cabana de sapé, rapidamente descrita ainda na apresentação do cenário. Apesar de ressaltar algumas vezes que não seria necessário e que uma árvore na floresta lhe serviria de abrigo, o fidalgo português e sua filha Cecília insistem na hospitalidade e Peri aceita. É importante ressaltar esse traço de “civilidade” do indígena que deixa sua vida na mata para viver nos moldes da família portuguesa.

Finalmente, na extrema do pequeno jardim, à beira do precipício, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios eram duas palmeiras que haviam nascido entre as fendas das pedras. As abas do teto desciam até o chão; um ligeiro sulco privava as águas da chuva de entrar nesta habitação selvagem.<sup>44</sup>

A trama de “O Guarani” se desenvolve principalmente da busca incansável de Peri de proteger sua senhora e sua família, seja de Loredano que tenta roubar as riquezas da família, como dos selvagens Aimorés. A todo momento o índio se mostra íntegro, fiel, mas ao mesmo tempo selvagem. Uma disputa entre cavaleiros e selvagens é elaborada. Cavaleiros nobres brancos se alinham com o forte guerreiro de pele vermelha para lutar contra a selvageria. Entretanto, este guerreiro está a todo tempo em busca de salvar os

43 ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: Ed. Egéria, 1981. Pg. 11

44 ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: Ed. Egéria, 1981. Pg. 12

brancos e suas relações são amistosas com o tempo, embora nem todos os personagens tenham afeição imediata por Peri.

O primeiro ponto do livro que é importante a ser analisado é a relação de Peri com D. Antônio, a mesma é descrita desde o começo como amigável, o português é grato pelo indígena salvar a vida de sua filha e assim o considera como um amigo. Alencar usa do modelo feudal onde existe um homem rico e com amplas terras que cede parte de suas terras para pessoas pobres em troca de seu trabalho.

Com sua escrita poética cria um cenário onde Peri havia sonhado e tido uma visão com Nossa Senhora. Desde então não esqueceu desta imagem da santa e no primeiro momento que vê Cecília liga a figura à filha de D. Antônio Mariz, por se tratar de uma jovem de cabelos loiros e de olhos azuis. Este sonho é narrado no momento em que o mesmo salva a menina. Assim, desde este momento Peri se torna um devoto e escravo de Ceci. Enquanto narrava seu sonho, o fidalgo cria sentimento pelo selvagem, que para ele naquele momento deixa de ser apenas um índio bárbaro. “Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia.”<sup>45</sup> Neste momento se dá o processo de perda de sua identidade, através da busca de agradar seus senhores, Peri cada vez mais se torna um mestiço culturalmente. Em um diálogo entre os dois homens de “raças” diferente, podemos observar como se entendia a relação:

- Peri, acreditas que D. Antônio de Mariz é teu amigo?
- Tanto quanto um homem branco pode ser de um homem de outra cor
- Acredita que D. Antônio de Mariz te estima?
- Sim; porque disse e mostrou.<sup>46</sup>

Nesta citação fica claro como o nobre e o indígena criaram uma relação um pelo outro, mesmo que grande parte de sua família não fosse de acordo com a presença de Peri na grande casa. O fidalgo português e sua filha Cecília por vezes tiveram que defendê-lo, principalmente de D. Lauriana, uma paulista extremamente católica, José de Alencar a descreveu como: “um bom coração, um pouco egoísta, mas não tanto que não fosse capaz de ato de dedicação”.

É interessante pensar como se desenvolve a amizade entre os dois personagens, pois já no segundo capítulo ao descrever o cavaleiro português, Alencar destaca que o mesmo tinha experimentado o valor da guerra e tinha afeição a combater os índios, algo que ocorreu na história entre os aimorés.

<sup>45</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981. Pg. 100

<sup>46</sup> ALENCAR, José de. O Guarani. São Paulo: Ed. Egéria, 1981. Pg. 140

Homem de valor, experimentado na guerra, ativo, afeito a combater os índios, prestou grandes serviços nas descobertas e explorações do interior de Minas e Espírito Santo. Em recompensa do seu merecimento, o governador Mem de Sá lhe havia dado uma sesmaria de uma légua com fundo sobre o sertão, a qual depois de haver explorado, deixou por muito tempo devoluta.<sup>47</sup>

O senhor Antônio era descrito como um homem fiel ao seu rei de Portugal, que nesta época era João VI, diante do juramento que fez quando ainda era um cavaleiro que se manteve até o final sendo fiel. Tinha orgulho de quem era. Neste trecho o português exalta como a terra que habitava foi conquistada por ele e seu rei:

“Aqui sou português! Aqui pode respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n’alma de teus filhos. Eu o juro!”<sup>48</sup>

Outro momento que Alencar ressalta a posição do personagem português sobre o povo indígena daquela época é no momento em que os dois se conhecem e D. Antônio se descreve como: “Eu, sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra”. Entretanto, Peri é uma exceção à parte. Será apenas por ser grato pelo guerreiro indígena ou porque nunca viu em Peri uma ameaça já que desde o início a relação sempre foi moldada pela submissão e por ser muito aberto a aderir a cultura branca?

O professor Alcmeno Bastos descreve a relação entre o selvagem e o fidalgo português como uma “simbiose luso-tupi”, onde Alencar elabora um projeto do mito da fundação da brasilidade. O romancista nem sempre cria personagens portuguesas com uma luz favorável, mas em “O Guarani” usa o que o tem de melhor para a construção de seu projeto. Um velho fidalgo português que não se conforma com a queda de Portugal ao domínio espanhol, mas muito cavalheiro e amigável a um certo tipo de índio, não os aimorés. Com isso Alencar deixa clara quais quem são os melhores portugueses e os melhores indígenas para se juntarem e formarem o homem brasileiro<sup>49</sup>

O autor Ortiz destaca em seu artigo como o romancista faz um deslocamento entre o passado português o futuro do Brasil. A antiga ordem precisa ser destruída para que das cinzas surja a nação brasileira. Podemos interpretar que D. Antônio de Mariz seja a antiga ordem que endeusa o passado, que insiste em viver de acordo com as normas coloquiais

<sup>47</sup> idem

<sup>48</sup> Idem. p. 15

<sup>49</sup>BASTOS, Alcmeno. Alencar e o índio do seu tempo. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, v. 21, n. 2, p. 49-63, 2012.

e que pretende construir uma sociedade portuguesa no Rio de Janeiro, mas é impedida pelos Aimorés (os selvagens descritos por Alencar), enquanto Peri um índio batizado, servil, guerreiro, civilizado e leal, junto de sua senhora branca e angelical sejam o futuro da nação brasileira e que sobrevivem.

José de Alencar aqui o sacrifício, e o renascimento se dá com a destruição do momento anterior. Marcel Mauss já nos havia ensinado que todo ato sacrificial é composto por três elementos: o animal sacrificado, aquele que executa o sacrifício, e o que ele de sacrificante, o elemento em nome do qual o ritual é praticado. Mauss mostra ainda que o sacrifício é um rito de passagem, colocado em contato elementos que pertenciam anteriormente a domínios antagônicos, o profano e o sagrado. Creio que em O Guarani os mesmos traços podem ser discernidos. A civilização portuguesa corresponde ao animal que deve ser imolado, os aimorés representam o papel do sacrificado, Peri e Ceci compõem os elementos sacrificantes, que, ao passarem para o “outro lado”, podem gerar a nação brasileira. As fronteiras do Brasil futuro pertencem ao espaço sagrado, enquanto Portugal o lado profano que deve ser necessariamente superado.<sup>50</sup>

O maior problema é gerado por um dos personagens do romance, o filho de D. Antônio, o jovem D. Diogo de Mariz que matou uma jovem indígena aimoré sem intenção enquanto caçava junto de mais dois companheiros. Peri assistiu toda a cena e logo temeu pela vingança que seria feita. A família a encontrou e reconheceu a bala no corpo da jovem morta e começou a traçar um plano, o qual seria matar a filha de quem matou a sua. Peri conseguiu descobrir o plano e avisou para o seu senhor o perigo que estava próximo. “Ora, o índio conhecia a ferocidade desse povo sem pátria e sem religião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras, no chão e pelas grutas e cavernas; estremecia só com a ideia de que pudesse vir assaltar a casa de D. Antônio de Mariz.”<sup>51</sup>

Tendo como foco o outro lado indígena usado por Alencar, por ele intitulado como os “Aimorés”, que eram descritos como selvagens e que falavam uma “língua desconhecida”. Tendo como base a obra “Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil” da historiadora Ivana Lima, para Alencar nacionalizar a literatura era preciso ter o conhecimento da “língua indígena”. Por meio da língua o escritor fazia uma exclusão das multiplicidades de línguas indígenas que existem no Brasil, tendo como única a Tupi, a qual é a falada por Peri e pelos Aimorés. Portanto, quando Alencar aponta que o povo indígena inimigo fala uma língua desconhecida, ele quer desqualificar e excluir esse grupo do projeto de nacionalidade. Somente os indígenas que falam uma

<sup>50</sup> ORTIZ, Renato. “O guarani: um mito de fundação da brasilidade”. In: Ciência e cultura, n.º 40, março de 1988.

<sup>51</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981. p. 76



língua conhecida e civilizada é o que permanece vivo no futuro. José de Alencar sempre tem uma atenção cuidadosa em distanciar Peri da “nação degenerada”.

Nacionalizar a literatura tinha como requisito o conhecimento da "língua indígena". Com a expressão no singular, José de Alencar reduzia a multiplicidade- algumas centenas de línguas diferentes- a uma língua eleita. Mas certamente ele apenas acompanha uma tendência mais ampla, de singularizar o que era plural. O conceito de singular coletivo, aplicado por R. Koselleck ao surgimento da idéia de uma História que unificava as várias histórias particulares, ajuda a pensar essa eleição de uma "língua" na fundação da literatura nacional. É como se este singular tivesse o poder de representar e sintetizar aquela pluralidade. O mesmo procedimento subjaz ao retrato de Peri, que é "um índio". No entanto, não devemos entender o fato de Varnhagen falar em "línguas indígenas" como algo teoricamente oposto à posição de Alencar; ali, o historiador estava muito mais preocupado com um sentido estratégico (e não simbólico) na construção da nação. Conhecer as "línguas" era condição para uma melhor dominação sobre os indígenas. Trata-se de atitudes complementares, portanto.<sup>52</sup>

O momento que Peri abandona seu povo e principalmente sua mãe é algo muito marcante para entendermos como o mesmo por conta própria decide largar toda a sua cultura para viver em prol de uma menina branca e faz todas as suas vontades, inclusive se tornar católico para somente ser digno de mais uma vez salvar sua senhora. O autor narra o momento que o seu símbolo heroico se despede da mãe com muita emoção, por mais que a senhora do povo Goitacá argumentasse com seu filho, a decisão estava tomada no momento em que viu em Cecília a imagem santa que sonhou, deveria ficar junto de sua senhora e ser leal a ela até o fim.

Enquanto a relação entre Peri e Cecília é a mais importante para este trabalho. A bondosa e angelical filha de Laurina e Mariz, tinha dezoito anos e tinha toda a devoção de seu escravo Peri. “Cecília era uma menina ingênua e inocente, que nem sequer tinha consciência do seu poder, e do encanto de sua casta beleza; mas era filha de Eva, e não podia se eximir de um quase nada de vaidade.”<sup>53</sup> A afeição de Cecília por Peri não foi algo espontâneo, tanto que o apelo “Ceci” dado pelo indígena significa mágoa, já que sua senhora o tratava mal.

Uma outra marca do “mestiço brasileiro” que Alencar desenvolve em sua obra é a meia irmã de Ceci e Diogo, filha de uma relacionamento extra-conjugal de D. Antônio

<sup>52</sup> LIMA, Ivana Stolze. Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

<sup>53</sup> Idem

com uma indígena que o fidalgo português teria se relacionado em uma de suas expedições. A menina chamada Isabel, totalmente diferente fisicamente de Cecília. O autor a descreveu como:

“Era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.”<sup>54</sup>

Durante todo o livro a jovem é apresentada como sobrinha do cavaleiro português, somente quando D. Antônio está fazendo seu testamento para finalmente assumir a paternidade da menina para seu filho D. Diogo. A menina assim como Peri não é bem aceita pelas pessoas da família Mariz, a personagem é sempre posta em um lugar de não pertencimento, ela é fruto de um adultério e tem características de uma pessoa não branca, mas também não é vista como uma selvagem como Peri pois faz parte do convívio familiar. Isabel é sempre posta como antagonista de Cecília, que tem inveja da menina e disputa o amor de Álvaro com a mesma. Alencar dedica um capítulo chamado “Loura e Morena” no qual descreve um diálogo entre as duas filhas do fidalgo Mariz, nele Isabel mostra sua opinião sobre Peri, o indígena assim como sua mãe:

— Não faças caso, Cecília, replicou Isabel reparando na melancolia da moça; pedirás a meu tio para caçar-te outro que farás domesticar, e ficará mais manso do que o teu Peri. — Prima, disse a moça com um ligeiro tom de repreensão, trataas muito injustamente esse pobre índio que não te fez mal algum.

— Ora, Cecília, como queres que se trate um selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como um cavalo ou um cão? Estas últimas palavras foram ditas com uma ironia amarga, que a filha de Antônio de Mariz compreendeu perfeitamente.

— Isabel!... exclamou ela ressentida. — Sei que tu não pensas assim, Cecília; e que o teu bom coração não olha a cor do rosto para conhecer a alma. Mas os outros?... Cuidas que não percebo o desdém com que me tratam?

— Já te disse por vezes que é uma desconfiança tua; todos te querem, e te respeitam como devem. Isabel abanou tristemente a cabeça.

— Vai-te bem o consolar-me; mas tu mesma tens visto se eu tenho razão.

— Ora, um momento de zanga de minha mãe...

— E um momento bem longo, Cecília! respondeu a moça com um sorriso amargo.

— Mas escuta, disse Cecília passando o braço pela cintura de sua prima e chamando-a a si, tu bem sabes que minha mãe é uma senhora muito severa mesmo para comigo.

— Não te canses, prima; isto só serve para provar-me ainda mais

<sup>54</sup> Idem. p. 30

o que já te confessei: nesta casa só tu me amas, os mais me desprezam.<sup>55</sup>

A filha mestiça não é descrita pelo o autor com palavras angelicais e de doçura como Cecília, Alencar cria uma imagem quase ruim da moça. A mãe da personagem não ganha praticamente nenhuma menção, mas em um diálogo com seu amado Álvaro a jovem fala ser filha de duas raças inimigas. "Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra."<sup>56</sup> A menina se sente só e isolada culpando sua mãe por ser mestiça e não sentir o amor, até conhecer o nobre Álvaro. No diálogo entre ela e a irmã podemos ver sua opinião sobre a selvageria de Peri e sobre si mesma, o desdém com que sempre a trataram é também o resultado dessa negação de si própria e do ódio por Peri. Entretanto, o indígena Peri é feito um movimento de exaltação a todo momento, o autor cria aventuras para o personagem fazendo com que o leitor crie afeição por e todos os outros personagens também goste dele, mas esse movimento não acontece com Isabel. A filha bastarda de D. Antônio se mata pois a única pessoa que amou e foi amada morreu, assim não vendo mais motivo para viver.

É controverso como Alencar trata as duas figuras no seu livro, porque Isabel não viveu também como o bravo guerreiro indígena? Será que o sentimento de exclusão era por ser filha bastarda ou por ser mestiça? Será que era mesmo excluída ou era apenas inveja de sua irmã? Por não ter desenvolvido mais a personagem, fica aberto algumas lacunas, mas fica claro que a personagem ligava sua exclusão a sua raça.

O cristianismo está presente em todo o romance, a fé católica é mostrada como uma salvação inúmeras vezes. Já nas primeiras páginas, ainda na descrição do cenário, a cruz demonstra que ali viviam portugueses e seus descendentes católicos e que acreditavam na salvação divina. Cecília inclusive pede para que seu vassalo se converta ao cristianismo para que enfim se torne um ser mais evoluído e ganhe sua mais alta admiração. Entretanto, Peri não atende o pedido de sua senhora naquele momento pois para ele sua única religião ou lei é a sua senhora.

No estopim da guerra entre Aimorés e brancos, D. Antônio elabora um plano para dar fim àquela situação, planeja seu suicídio e do que restou de sua família, mas antes pede o um último favor a seu fiel vassalo Peri:

Atravessou o espaço que o separava de sua filha, e, tomando a

<sup>55</sup> Idem. p. 32

<sup>56</sup> Idem. p. 154

mão de Peri, disse-lhe com uma voz profunda e solene:

— Se tu fosses cristão, Peri!... O índio voltou-se extremamente admirado daquelas palavras.

— Por quê?... perguntou ele.

— Por quê?... disse lentamente o fidalgo. Porque se tu fosses cristão, eu te confiaria a salvação de minha Cecília, e estou convencido de que a levarias ao Rio de Janeiro, à minha irmã. O rosto do selvagem iluminou-se; seu peito arquejou de felicidade; seus lábios trêmulos mal podiam articular o turbilhão de palavras que lhe vinham do íntimo da alma.

— Peri quer ser cristão! exclamou ele. D. Antônio lançou-lhe um olhar úmido de reconhecimento.

— A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo o homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri! O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que impôs-lhe as mãos sobre a cabeça.

— Sê cristão! Dou-te o meu nome. Peri beijou a cruz da espada que o fidalgo lhe apresentou, e ergueu-se altivo e sobranceiro, pronto a afrontar todos os perigos para salvar sua senhora.

Apesar de Peri ter dedicado a própria vida em prol de salvar a vida de sua Iara (senhora), tomando veneno e se entregando aos inimigos, ele só seria digno de salvar Ceci ao se converter inteiramente aos padrões brancos. Vendo que não tinha mais saída, D. Antônio toma essa medida para poder ver sua filha viva. Assim, duas almas diferentes, “uma filha da civilização, a outra filha da liberdade selvagem”<sup>57</sup> terminam por fim juntas e com um futuro incerto.

Por fim, o indígena Peri sofre mais movimento do processo de transculturação que o autor elaborou durante todo o desenvolvimento da trama. Após abdicar da última coisa que ainda restava de sua antiga vida é bom o bastante para salvar a menina branca, mesmo provando inúmeras vezes que ele era o maior defensor e protetor que Cecília poderia ter. No epílogo do livro Ceci e Peri enfrentam uma forte chuva enquanto fogem do conflito final pelo rio. Se assemelhando ao conto bíblico de Noé, o livro acaba com a imagem dos dois sumindo no horizonte, deixando aberta a conclusão do livro. Tendo em vista toda construção que Alencar, vamos ficar com a conclusão de que assim como Noé, o casal pode construir uma nova sociedade em um futuro, a mestiça sociedade brasileira que nasce do heroico e cristão indígena e daquela herdeira dos bons costumes europeus e branca.

<sup>57</sup> ALENCAR, José de. O guarani. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981.

## Considerações finais

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil o indígena, sua cultura, hábitos, língua, vestimentas são descritas pelos brancos. Os povos indígenas foram inseridos na literatura por meio das cartas escritas pelos então “descobridores” do Novo Mundo, a fim de conhecer a “exótica” colônia de Portugal. Desde então pesquisadores e curiosos vieram a esta terra para analisá-la. Segundo a autora Lúcia Sá o primeiro autor a descrever com detalhes uma nação tupi foi autor Hans Staden, que foi prisioneiro durante nove meses no litoral de São Paulo, e assim faz uma descrição do povo indígena a partir dessa sua experiência na prisão.<sup>58</sup>

A igreja católica foi um agente ativo na produção de documentos sobre os povos indígenas, com suas missões em busca de ouro, pedras preciosas e catequese. A autora Cristina Pompa em sua tese analisa a atuação da igreja:

Segundo Eduardo Hoomaert, há uma profunda diferença entre o espírito missionário dos jesuítas e o dos franciscanos. Enquanto para os primeiros há uma verdadeira “abertura para o outro”, com a defesa da liberdade dos índios, os segundos entendem a missão como dilatação das fronteiras do sistema católico, como expansão. Portanto, vemos os franciscanos acompanharem, no litoral, os passos da conquista, benzer os engenhos de açúcar e encabeçar as bandeiras que caçavam índios (Hoomaert,1992:55)<sup>59</sup>

No século XIX a emancipação do Brasil de Portugal fez com que houvesse um entusiasmo em separar a cultura e se diferenciar do colonizador. Inicia-se a construção de um sentimento de nação, de algo que unisse a todos e que fosse essencialmente brasileiro. A literatura ganha força e se torna o instrumento para criar o projeto da singularidade brasileira.

O Romantismo surge no país com intuito de ajudar a fundar o estado nação. Com o movimento o indígena deixa as cartas das expedições e documentos eclesiásticos e ganha forma no indianismo. O indígena se torna agora o símbolo da fundação do Brasil e se torna um herói. José de Alencar escreveu textos literários canônicos e moldaram boa parte do romantismo brasileiro.

Em seus romances, o autor José de Alencar usa o Brasil como o cenário onde se passa todo o enredo, o autor usa sociedades indígenas, palavras derivadas do Tupi - língua indígena estuda pelo autor - recria cenários brasileiros e da natureza. Através do seu modo

<sup>58</sup> SÁ, Lúcia. Literaturas da floresta textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 197

<sup>59</sup> POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial. 2001. 453p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP

de escrever e do movimento romântico, Alencar construiu um imaginário em torno da formação da sociedade. Neste romance o lugar do indígena é ao lado do branco se tornando “civilizado” ou sendo selvagem na mata e sendo morto.

A imagem final do livro *O Guarani* de Peri e Ceci fugindo após sofrerem uma fuga pelas águas e a semelhança com o conto bíblico de Noé nos remete ao pensamento da fundação do povo brasileiro mestiço formado pelas três raças originais: o branco (português), o negro (escravizado) e o indígena. No livro o autor usa o branco e o indígena para fazer essa apologia da fundação da população brasileira, um indígena quase “civilizado”, católico se une a uma descendente adepta dos bons costumes portugueses. A autora Márcia Regina Naxara descreve como o mito das três raças formadoras do Brasil foi importante para pensar o país e sua população no século XIX. A autora destaca: “A formulação e aceitação da mestiçagem do povo brasileiro, que mais tarde viria a ser definida como democracia racial, transformou-se em mentalidade nacional, incorporando preconceitos de diversas ordens”<sup>60</sup>

Na obra de José de Alencar padrões raciais são estabelecidos na sociedade. A autora Lúcia Sá aponta que a miscigenação é aceita e justificada por Alencar, pois Peri termina o romance salvando a menina branca em seus braços e em outro romance chamado *Iracema* (anagrama de América) a indígena tabajara tem um filho com um branco e dá a luz ao mestiço Moacir, que no tupi estudado por Alencar significa “filho da dor”.

O indígena Peri, em toda a obra foi abrindo mão de sua cultura, e até o final do texto ele segue submisso a Cecília pondo sua vida em segundo plano. Essa imagem que José de Alencar cria sobre o “bom selvagem” seria o ideal indígena que estaria ali presente da formação do Brasil mestiço. O autor pega o que existe de melhor na raça branca, que é a doce Cecília que não é portuguesa, mas foi criada por um português e Peri, o indígena que larga tudo para ser civilizado. O indígena de Alencar é o que se desfaz de sua cultura e se permite sofrer o processo de embranquecimento de forma pacífica. Seu amor pela senhora branca é maior que seu amor-próprio. O amor entre duas raças diferentes é selado e assim gerando uma terceira raça, o verdadeiro mestiço brasileiro, o que fará o Brasil se tornar uma nação.

A servidão de Peri e a submissão à autoridade de D. Antônio mostra bem o local que cada um deve ter na sociedade: o local dos mestiços presentes no livro era subordinado do português. O fidalgo é o patriarca daquela família e o chefe de seus empregados. A sua morte é muito representativa pois ele deu sua vida pelo futuro da nação brasileira, morreu

<sup>60</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. Pensando origens para o Brasil no século XIX: história e literatura. In: História: questões e debates. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, v. 17, n. 32, jan./jun. 2000. p. 48-49.

defendendo suas terras doadas pelo rei e termina seu papel falecendo e ficando no passado, assim como a herança portuguesa deveria ficar no século XIX.

Por fim, o livro de Alencar nos mostra que mais uma vez a literatura e intelectuais brasileiros do século XIX não se preocuparam em contar a história dos povos indígenas do Brasil e usaram de sua imagem para promover uma falsa exaltação do que seriam os “verdadeiros brasileiros”. É, portanto, plausível buscar leituras escritas pelas mãos dos próprios indígenas e compreender de maneira clara e sem preconceitos a real história dos povos originários do Brasil.

## Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*. 1856.
- ALENCAR, José de. *O guarani*. Editora Egéria LTDA. São Paulo, 1981.
- ALENCAR, José de. *Benção Paterna*. In *Obra Completa* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.
- ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.
- ASSIS, Machado. *A estátua de José de Alencar* – Discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar. (10 de maio de 1897). In: ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. Vol. 2, p. 625.
- BASTOS, Alcmemo. *Alencar e o índio do seu tempo*. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, v. 21, n. 2, p. 49-63, 2012.
- BAULER, Almir; KEIM, Ernesto Jacob. *O discurso etnográfico na Revista do IHGB: 1840-1860*. Espaço Ameríndio, v. 5, n. 3, p. 66-84, 2011. Pg. 71
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992. Pg 179
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Editora Cultrix, 1994. Pg 11
- CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. *Política indigenista no século XIX. História dos índios no Brasil*, 1998. Pg. 133
- FIORI, Elizabeth. *O romantismo e a historiografia literária brasileira*. Revista Moara, n.25, p. 147-163
- FIORIN, José Luiz. *A construção da identidade nacional brasileira*. Revista de Estudos do Discurso, n. 1, 2009. p. 116
- LEAL, Tito Barros. *Por um projeto para o Brasil: José de Alencar e a polêmica em torno das cartas sobre A confederação dos Tamoios*. Embornal, v.3, n.5, p.56-75, 2012.
- LEPENIES, Wolf. *Três Culturas*, As Vol. 13. Edusp, 1996. Pg 11
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- MAGALHÃES, Nathan Matos. *José de Alencar e a escravidão: suas peças teatrais e o pensamento sobre o processo abolicionista*. 2015. 133f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2015.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O gigante e o espelho*. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Org.). *O Brasil Imperial: volume II– 1870 – 1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Historiadores e texto literário: alguns*



- apontamentos*. História: Questões & Debates, v. 44, n. 1, 2006.
- NUNES, Benedito. *A visão romântica*. In: GUINSBURG, J. (org.) O Romantismo. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ORTIZ, Renato. *O guarani: um mito de fundação da brasilidade*. In: Ciência e cultura, n.º40, março de 1988.
- PELLOGGIO, Marcelo. *José de Alencar: um historiador à sua maneira*. Alea. Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, UFRJ / CNPq, v. 6, n.1, p. 81-95, 2004
- PELOGGIO, Marcelo. *O conceito de mudança em José de Alencar*. Revista Garrafa, v. 5, n. 15.
- PEREIRA, Danglei de Castro. *Representação literária do indígena no romantismo brasileiro: O caso Simá, de Lourenço Amazonas*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 22, p. 133-147, 2020.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura*. História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura do Brasil*. Edições O Cruzeiro, 1958, p. 275-76
- POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial*. 2001. 453p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Daniel Pinha. *História e literatura no Brasil oitocentista: a historicidade do literário na crítica de José de Alencar a Gonçalves de Magalhães*. Revista Maracanan 10.10 (2014): 78-92
- SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- SILVA, Daniel Pinha. *Como e porque sou moderno : o lugar do passado no pensamento crítico de José de Alencar*. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2007.
- SILVEIRA, Éder. *Tupi or not tupi: nação e nacionalidade em José de Alencar e Oswald de Andrade*. 2007. Pg. 36
- TUFANO, Douglas; COUTO, MOZART. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Moderna, 1999.
- VAINFAS, Ronaldo. *Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira*. Revista Tempo, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999.